



Daniella Sasaki/Especial para o CB

HISTÓRIA



FILHOS da barragem

Após a construção da represa, os operários resolveram permanecer no lugar. Foram inúteis as tentativas do governo de derrubar os barracos para retirar os trabalhadores

RACHEL LIBRELON

DA EQUIPE DO CORREIO

A cidade do Paranoá já nasceu guerreira. Persistente, a gente que se instalou na região por falta de lugar na capital, planejada por Lúcio Costa, não se cansou de reconstruir os barracos no local onde ficava o acampamento operário da barragem do rio Paranoá, repetidamente derrubados pelo governo. Venceu pelo cansaço. Depois de levar o título de maior invasão do Distrito Federal em 1985, com 25 mil habitantes, o antigo aglomerado de casas improvisadas foi transferido para uma região próxima e regularizado. Virou região administrativa e não parou de crescer.

Mas a história do povoamento ali começa muito antes da chegada dos candangos para fazer a barragem. No lugar em que hoje está a cidade existiam pequenos povoados. Um censo experimental, realizado em 1959, indicou a existência das comunidades de Buriti vermelho, Jardim, Quebrada

dos Néri, Quebrada dos Guimarães e Sobradinho dos Melos. Esses pequenos núcleos cultivavam e produziam para consumo próprio. Milho, feijão, mandioca, arroz e rapadura estavam na lista dos produtos da região. O excedente era vendido para Planaltina e Formosa. Foi assim do início até a construção de Brasília.

Engenheiros, mestres-de-obra e pedreiros deram início aos trabalhos no rio Paranoá em 1957. Foi o fim do isolamento dos povoados originais, e o começo de um grande acampamento, onde chegava-se a servir 5 mil bifés por dia. Logo o espaço ficou pequeno para abrigar também as famílias dos operários. Assim, foram surgindo as primeiras vilas na região. Com a conclusão das obras, em 1959, os aglomerados foram encobertos pela água. Até a década de 70, a população remanescente não passava de mil pessoas.

Inchaço populacional

Em meados dos anos 70, o número de habi-

tantes já era três vezes maior. Na década seguinte, o Paranoá já sofria com o inchaço populacional. Os novos moradores buscavam a vila como uma alternativa de moradia popular, coisa que não existia em Brasília. Com tanta gente, vieram também problemas de infra-estrutura. Não havia água, nem luz elétrica e muito menos moradia para todo mundo. Simplesmente não existia urbanização. Tudo era apenas um agrupamento de casas improvisadas e barracos.

Além de conviver com o abandono, as pessoas do lugar viviam em conflito constante com as autoridades, que exigiam a desocupação da área. Em 1986, um episódio que ficou conhecido como "barracão", tornou-se um símbolo de resistência e organização da população. Em apenas uma noite, foram erguidos 700 barracos. Em represália, o governo ordenou que todos fossem derrubados de uma só vez, criando um clima tenso. Com o apoio da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), da Universidade de Brasília (UnB), do Sindi-

cato dos Arquitetos de Brasília e da CNBB, os moradores conseguiram, em 1988, o direito de viver no novo Paranoá, a alguns quilômetros do povoado original.

Com a transferência das pessoas para um local definitivo, a vila Paranoá foi derrubada do dia para a noite. Dela, só restou a Igreja São Geraldo, defendida pelos moradores mais antigos. Movidos pelo desejo de preservar pelo menos um resquício da cidade teimosa, esse grupo conseguiu, em 1993, a criação do Parque Vivencial do Paranoá e o tombamento da igreja de madeira pelo Patrimônio Histórico do Distrito Federal.

Mas a trajetória conturbada da criação do Paranoá não terminou aí. A expansão do aglomerado urbano continuou pelos anos seguintes, gerando a fúria de ambientalistas e do Ministério Público, por ser uma área de preservação. Aos 47 anos, a luta da cidade nascida na marra está longe de terminar. Além da eterna briga pelo espaço físico, a guerra por melhorias e infra-estrutura ainda faz parte do cotidiano.